

□ processo



Processo aberto



Reservamos este espaço para documentar o trabalho de criação desenvolvido por algumas turmas de Montagem.

Norteadas pelo tema da Mostra, Ação em Tempos de Inquietude, as experiências aqui relatadas têm por objetivo o registro e a troca de conhecimento sobre a pesquisa em teatro.

Nesta edição, três professores abrem seus processos: Mônica Granddo, Reginaldo Nascimento e Renata Mazzei. Por suas próprias vozes, ou pelo ponto de vista dos alunos, acompanharemos a seguir um pouco dos caminhos percorridos por cada turma ao longo do primeiro semestre de 2012.

MENSCH – Uma criação coletiva sobre as inquietudes do homem

Renata Mazzei relata sua experiência com a turma de Montagem: PA2B (sábado/manhã), Unidade Adolfo. Os alunos envolvidos no processo são: Alessandra Ledo, André Collin, Camila Ocaña, Catarina Abreu, Cláudia Andriolo, Karen Faro, Mariana Sapienza, Ros Segobia, Suelen Targino, Suellen Vico, Thiago Quiñelato. Assistente de direção: Francisco Gonçalo.

Iniciamos o semestre conversando sobre o tema da mostra e sobre o que faz o teatro ser interessante, sob o ponto de vista de cada um. Como atividade para estimular a discussão, utilizamos os recursos do desenho da seguinte forma: dividi a sala em três grupos, sendo que cada grupo deveria fazer dois desenhos: um que representasse o teatro que considerasse interessante e contributivo para a sociedade e outro que representasse o oposto. Na sequência, conversamos sobre as inquietações pessoais, selecionando as que mais foram enfatizadas pelos integrantes. Pedi então que retomassem o desenho e acrescentassem ao trabalho feito os elementos selecionados. Após uma breve discussão levantamos o material que serviria como fonte criativa e como referência para a escolha da peça.

Das várias opções consideradas, dentre elas O Tartufo de Molière, escolhemos O Homem do Princípio ao Fim de Millôr Fernandes para servir de fonte de inspiração, por se tratar de um texto onde o autor lança mão de autores consagrados como Shakespeare, Molière e Camões, bem como de acontecimentos que tiveram impactos no Brasil e no Mundo, como a morte de Marilyn Monroe e Getúlio Vargas e a Guerra do Vietnã, para discorrer sobre as diversas emoções do homem. Para tanto, a peça é estruturada em slides que recebem como títulos as referidas emoções como: MEDO, AMOR, SOLIDÃO, RISO, SAUDADE, desde o surgimento do homem até seu fim. Ainda, é importante esclarecer, que não estamos utilizando o texto na íntegra, mas apenas como inspira-

ção para a criação de uma dramaturgia própria, escrita a partir do que foi vivenciado no processo pelos alunos.

Ao trabalharmos cenicamente as emoções, ao longo dos ensaios, fomos adaptando o texto de modo a aproximá-lo da nossa realidade e de maneira que as inquietações levantadas durante as discussões estivessem sendo abordadas. Assim, alguns textos foram retirados e substituídos por outros escolhidos pelo grupo. Como exemplo, podemos citar o slide da SOLIDÃO. Conversando a respeito, concluímos que a solidão atinge uma camada grande da sociedade em diversos aspectos como a solidão a dois, a solidão que leva as pessoas a buscarem relacionamentos virtuais e a solidão de quem não tem amigos nem família, mas apenas colegas de trabalho e que motivam tantos suicídios, especialmente em datas festivas como o Natal. Construímos então, uma cena onde, os atores, se disponibilizando ao mesmo tempo sobre o palco, cada um em um espaço delimitado por uma luz que é ali colocada por ele mesmo como um lampião, uma vela e um abajur, representam pessoas de várias esferas da sociedade que sofrem com a solidão. Suas ações e textos vão sendo intercalados, como se houvesse um diálogo entre eles. Todavia, a conexão entre essas pessoas nunca acontece durante a cena.

A respeito da criação das cenas estamos seguindo o seguinte procedimento: primeiramente os alunos passam por uma etapa de preparação onde recursos variados, como o uso de máscaras, técnicas circenses e exercícios inspirados no

treinamento do diretor Eugênio Barba, visando o aprofundamento do trabalho corporal e sua conexão com a voz, são trabalhados. Então, após uma breve discussão sobre o slide em questão, abordamos os temas ali tratados em “fotos”, ou seja, mo-

mentos específicos criados pelos atores como se estivessem criando uma foto ao vivo. Estas “fotos” são comentadas e é extraído delas o que mais interessou ao grupo. Da seleção destes elementos a cena começa a ser construída.

FOTOS: RENATA MAZZEI



Fotos da etapa de preparação:

Como registro do processo e avaliação estamos utilizando o recurso da foto da seguinte maneira: a) registrar momentos da aula, desde o aquecimento até a improvisação da cena, b) trazer outros materiais como pinturas e objetos em geral que inspirem a criação, bem como imagens do cotidiano que se conectem com os temas abordados na peça. c) Além disso, esse registro tem sido utilizado como uma importante ferramenta para a auto avaliação dos alunos, a avaliação dos alunos pelo professor e a avaliação do processo.

Assim, partindo das inquietações que afligem os próprios alunos e dos assuntos que eles pró-

“Fotos” criadas pelos alunos e que, desenvolvidas, viraram as cenas:

prios gostariam de falar ao público, o espetáculo está sendo construído. Entendemos que, recorrendo aspectos da vida do ser humano, e recriando cenicamente, contribuímos ativamente para que tanto os atores como o público, por meio das questões levantadas, assumam uma posição em relação a sua própria vida e a sociedade em que vive, despertando-os para a atitude ao invés da passividade.

Renata Mazzei é atriz, mestre em Artes Cênicas pela ECA/USP e professora do Teatro Escola Macunaíma. ■

“O que vai contra a natureza é o mal. Todo resto é o bem”.

Paulo Coelho

Artigo escrito pela aluna Lígia Menezes junto à turma PA4 e PA5 (semana/noite), Unidade Eldorado, e de Mônica Granndo. O texto reflete sobre o processo de Montagem coordenado pela professora Mônica, que envolve também os alunos: Ângela Calderazzo, Flavio Veenedeo, Getulio Nabera, Juliana Moura, Lígia Menezes, Lili Flor, Mariva Lima, Nelson Careca, Tati Hovorovski, Vanessa Marangoni, Wagner Ferraz.

O texto escolhido para a montagem dos alunos do PA 4 e PA5, Eldorado noite, certamente levantou à inquietude e à questão: o que é o bem? E o mal?

A turma PA 4 e PA5, Eldorado noite, desde a primeira aula, já sabia o tipo de peça que queria montar: todos estavam decididos por um musical leve e infantil, mas que passasse uma mensagem profunda e não apenas divertisse.

Na terceira aula, a escolha da peça se deu naturalmente, através de leituras de alguns textos pré-selecionados.

Partido agradou a todos. Trata-se da adaptação do romance de Ítalo Calvino O Visconde partido ao meio. A história mexe justamente com a inquietude humana, tema da mostra (Ação em tempos de [in]quietude): um visconde volta da guerra partido em dois – seu lado bom, extremamente bom que até enoja, e seu lado ruim, que mata de medo todas as pessoas da cidade.

A pesquisa ajudou na composição das cenas e na montagem em geral

Ao mesmo tempo em que a turma trazia cenas para compor o espetáculo, houve uma grande preocupação com o contexto histórico em que a peça foi escrita.

Além disso, a turma tratou de pesquisar sobre

dualidade (o bem versus o mal), o maniqueísmo (ou é tudo do bem, ou é tudo do mal) e as direções em que a sociedade ocidental vem seguindo.

Frases de grandes autores e pesquisadores, como Albert Einstein, Aristóteles e Sócrates foram citadas, para definir o que é o bem e o que é o mal, já que o personagem principal de Partido também está à procura dessa definição.

“O mais elevado bem que se pode medir tudo é o conhecimento”.

Sócrates

“O bem é a atitude racional para com as sensações e os desejos”.

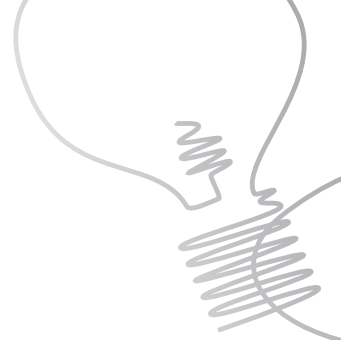
Aristóteles

“O mal é ausência do bem, da mesma maneira que as trevas são a ausência da luz”.

Santo Agostinho

Todas essas pesquisas melhoraram o olhar estético dos alunos, que procuram aplicar essa análise durante a montagem das cenas, na própria criação. A teatralidade, o sentido ético e estético é decorrente do tema da mostra e todas as reflexões que ele está nos conduzindo. ■





Estado de Sítio em processo

Reginaldo Nascimento relata sua experiência com as turmas de Montagem: PA4 e PA5 (domingo/tarde), Unidade Adolfo. Os alunos envolvidos no processo são: Alexandre Ganico, André Durbano, Áurea Vieira, Beto Ribeiro, Débora Guedes, Edilaine Leide, Gui Medeiros, Jean Fernando, Kaique de Jesus, Mariana Camargo, Natália Diogo, Néia Gomes, Patricia Olliver, Regina de Oliveira, Sandra Pugliesi, Taty Pedroso, Thiago Henrique, Verena San. Assistente de direção: Erika Resan.

A tese defendida por Fayga Ostrower (1984) de que o homem cria, não porque goste, mas porque precisa, torna-se uma verdade no processo de criação desenvolvido no processo pedagógico, no encontro entre alunos/atores e a obra teatral. Estamos sempre embebidos da necessidade pungente de criar, precisamos desta febre para existir enquanto artistas da cena, burilando conceitos, revendo estéticas e linguagens, ressignificando os códigos para rever o sentido das coisas.

Em um processo de aprendizado, de descobertas, estamos sujeitos a nos colocarmos diante de nossas limitações e potencialidades e a cada etapa avançar sobre os muros do desconhecido, tornado-o conhecido, decifrando os códigos da cena para no encontro com o público brindarmos nosso universo de descobertas.

No processo de trabalho com os alunos das turmas de PA4 E PA5, do domingo à tarde, no Teatro Escola Macunaíma, traçamos que nossa investida se daria a partir de uma investigação do texto Estado de Sítio, de Albert Camus. Não queríamos ler o texto em sua ordem natural, apenas transpondo para a cena as palavras e ações que ali se apresentavam, o desafio é ampliar este estado de sítio, ver e rever tudo aquilo que aprisiona o homem e o torna um ser regido pelo medo, incapaz de agir, de tornar sua inquietude em ação, em realidades palpáveis que dessem conta de explodir o emaranhado de sentimentos que envolve nossos corações.

Partindo desta premissa estabelecemos que o trabalho físico fosse pautado na investigação do corpo grotesco, a gestualidade crispada, como representação máxima de todos os sentimentos que

queremos dar conta, como símbolo das inquietudes que deformam nosso corpo, que angustiam e nos modificam como seres pensantes. Tudo está em estado de sítio, tudo, e todos nós estamos esperando que um cometa venha anunciar alguma coisa que mude a ordem natural deste tempo de reflexões, onde inquietudes mal assimiladas, mal trabalhadas geram ações impensadas, geram fugas da realidade, sitiando os homens no medo, na dor na angústia de ser apenas um homem, mortal.

Este diálogo dialético entre vida e morte, esta sensação de que o inevitável fim vem para todos e sendo esta a única certeza que temos trouxe alunos/atores para o debate e a prática constante na Análise Ativa, na pesquisa de campo, no diálogo permanente que amplia o processo e permite que o aluno/ator compreenda sua trajetória nesse processo.

Possibilita que ele, aluno, se veja senhor da cena, um ator criador que propõe, que questiona, que traz para a cena sua vontade de ressignificar os códigos já estabelecidos, com seu desejo de dialogar com esta prática, encontrando nela respostas para suas inquietudes pessoais, para a inquietude do mundo, para este momento de formação que gera tantas dúvidas sobre o próximo passo a ser dado fora da escola, enfim, um semestre de questionamentos vários.

A encenação que nasce deste encontro poético com a obra Albert Camus, nesse Estado de Sítio, transita com vários questionamentos que podem iluminar uma estética da cena onde a narrativa se confirma na investida por caminhos que buscam rever a interpretação, apropriar-se de todos os

conceitos aprendidos, descobrir e assimilar novas possibilidades cênicas que surgem no processo prático reorganizando o fazer teatral, dando sentido a este processo de investigação, a este estado de descobertas.

Navegamos juntos nesse mar de possibilidades, diretor, alunos/atores, somos todos os carpinteiros dessa cena em construção, em busca de possibilidades das mais variadas para a concepção do espetáculo, para o trabalho do ator, para um olhar vivo, presente e pulsante nessa cena surreal, pânica, absurda, mas, sobretudo humana.

Busco, para a leitura do texto, pautar o trabalho numa encenação que abra o espaço para a experimentação de linguagens, para o exercício de olhar sobre o objeto de estudo, e imbuídos da possibilidade de múltiplas leituras presentes na obra pesquisada, experimentar, retomar conceitos vistos e aprofundá-los na prática. Apropriar-se do corpo grotesco, trazer para o debate a narrativa, o teatro dramático e o absurdo, e confrontá-los na cena numa obra que permite este trânsito entre as linguagens e amplie os aprendizados nesse processo.

Transitando pela criação de universos fantásticos, com seres humanos fundidos, deformados, aprisionados nessa grot, canalizando o processo para a configuração de outras formas de realidade, despertando nos atores o estado criativo, ligando o cognitivo, o sensível e o artístico na criação da cena e das personagens que nela transitam, vamos vivenciando cada minuto desse processo, vamos nos embriagando dessa poética cênica.

A busca é, a partir da verticalização das pesquisas e da prática, conceber um espetáculo que mistura beleza e horror para aprofundar as questões deste vazio da alma, deste pesadelo que será compartilhado pelo público, é o absurdo que resiste a todas as questões existenciais; é o que fica depois de perguntarmos qual o sentido da existência, qual a Ação em Tempos de Inquietude.

Reginaldo Nascimento é diretor, ator, arte educador e professor do Teatro Escola Macunaíma. ■



FOTOS: O GRUPO